

The *Andaman Islanders*, Cem Anos Depois: quando o Golfo de Bengala disputou com a Melanésia

Bruno Ferraz Bartel^a
Roberta Machado Boniolo^b

Resumo: Este artigo revisita o trabalho de Radcliffe-Brown, *The Andaman Islanders*, em razão de seu centenário. O objetivo é apresentar as inovações teórico-metodológicas desta monografia para a Antropologia Social, mas também demonstrar a partir dela o amadurecimento intelectual do autor. Busca-se apresentar a trajetória acadêmica do autor, destacando a sua inserção universitária, as influências teóricas, o trabalho de campo realizado no Golfo de Bengala, as experiências profissionais em diversos centros acadêmicos, bem como os pontos centrais do trabalho monográfico que reafirmam o valor da obra como um clássico.

Palavras-chave: Radcliffe-Brown, *The Andaman Islanders*, Centenário, Golfo de Bengala.

O ano de 1922 foi emblemático para a consolidação da Antropologia Social como uma ciência autônoma baseada em conceitos, métodos e princípios bem delimitados. Naquele ano, duas obras de envergadura teórico-metodológica distintas foram apresentadas ao público e contribuíram para delimitar um modo diferente de se fazer Antropologia até aquele momento. As monografias apresentaram os

a Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPI). Email: brunodzk@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4788-0204>.

b Professora EBTT/Campus Tucuruí (PA) - Instituto Federal do Pará. Email: robertaboniolo@yahoo.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5496-7186>.

trabalhos de campo de seus autores e os esforços de ambos na sistematização do ofício antropológico. Fruto de expedições que datam do início do século XX, as duas publicações tiveram variados percalços, tais como a definição dos locais de pesquisa, as organizações das primeiras incursões e a própria divulgação dos trabalhos para a comunidade científica em decorrência da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A primeira, mais conhecida do público, reconhece o êxito de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* como relato do empreendimento de Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) entre os ilhéus dos arquipélagos da Nova Guiné, na Melanésia. A aventura antropológica que se passa nas Ilhas Trobriand (Oceano Pacífico) se tornaria, com o passar do tempo, um arquétipo de condução e tratamento dos dados etnográficos pelas gerações posteriores de antropólogos. É inegável as contribuições deixadas por este trabalho para a comunidade acadêmica, que nos serve de base para discussões sobre a personalidade do autor e os impactos, especialmente metodológicos, das lições ainda válidas da experiência de Malinoswski em Trobriand (Firth 1957; Geertz 2009).

A segunda, até hoje sem tradução para o português, é *The Andaman Islanders: a study in social anthropology*¹, escrita por Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881-1955). As preocupações analíticas de Radcliffe-Brown renderiam-lhe um lugar de destaque na consolidação da Antropologia Social como disciplina acadêmica e um contraponto à obra de Malinowski, em que trabalho de campo e teoria se complementariam.

O livro abarca informações sobre a organização social, cerimônias, crenças mágico-religiosas, mitologia e cultura material entre os habitantes das Ilhas Andaman, localizadas no Golfo de Bengala (Oceano Índico). A análise e interpretação dos dados são realizadas, especialmente, nos últimos capítulos (V e VI) da publicação a partir de um viés funcionalista durkhemiano. O livro ainda apresenta dois anexos, no qual o autor faz uma comparação da cultura das Ilhas Andaman

com a de grupos circunvizinhos a partir da base material (Anexo A) e algumas observações sobre as línguas das Ilhas (Anexo B).

Nosso objetivo é resgatar as contribuições mais significativas do estudo monográfico de Radcliffe-Brown com foco nas inovações teórico-metodológicas anunciadas em 1922 e que se seguiriam aos demais anos de vida acadêmica do autor. Tanto a perspectiva funcionalista (Radcliffe-Brown 1931; 1952) quanto a estrutural-funcionalista britânica (Fortes & Evans-Pritchard 1940; Forde & Radcliffe-Brown 1950) seriam desenvolvidas de formas muito peculiares por parte dele. Ademais, argumentamos que as limitações do método comparativo vigentes à época, representados por nomes como William Halse Rivers Rivers (1864-1922) e Alfred Cort Haddon (1855-1940), tornaram a leitura de *The Andaman Islanders* obrigatória para todos aqueles interessados na potencialidade do recurso comparativo como um instrumento analítico a ser incorporado no desenvolvimento de pesquisas.

A partir dessas considerações, passamos à apresentação do texto, que está estruturado em dois eixos. No primeiro, apresentamos a trajetória de Radcliffe-Brown como um proeminente autor relevante para a constituição da Antropologia Social. Radcliffe-Brown provocou um impacto significativo no desenvolvimento da disciplina, deixando um legado reconhecido entre seus pares, que pode ser recordado a partir da sua trajetória profissional – desde a sua inserção universitária, passando pelos trabalhos de campos até as experiências profissionais em diversos centros acadêmicos do mundo (Fortes 1956; Schapera 1989). Na segunda, apresentamos os pontos centrais do trabalho monográfico, cuja publicação acaba de completar 100 anos. Na conclusão, longe de querer esgotar todos os seus temas, optamos por destacar alguns pontos específicos que reafirmam o valor de *The Andaman Islanders* com uma obra ‘clássica’².

Vida e obra

Alfred Reginald-Brown – o acréscimo do sobrenome Radcliffe, proveniente de sua mãe, aconteceria décadas depois – nasceu no dia

17 de janeiro de 1881, em Birmingham. Diferente de muitos futuros colegas de profissão, o autor não nasceu em uma família aristocrática e soube desde cedo aproveitar os ensejos que a educação britânica lhe possibilitou. Ele e seus dois irmãos tiveram que enfrentar desde a infância as dificuldades financeiras acarretadas pela morte de seu pai, quando o pequeno Brown tinha em torno de cinco anos (Stocking Jr. 1995). Ele iniciou sua educação na *Royal Commercial Traveller's Schools*, uma instituição de caridade nos arredores de Londres e, devido ao seu desempenho, ganhou uma bolsa para a *King Edward's High School*, em 1896 (Stocking Jr. 1995; Warms 2018). Aos 20 anos foi contemplado com uma bolsa de estudo no *Trinity College*, onde permaneceu até 1906 (Kuper 1978).

Por orientação de seu diretor de estudos, Radcliffe-Brown prestou os exames finais em *Mental and Moral Science*. Nesse período ele se aproximou de Rivers e, posteriormente, de Haddon. Ambos integraram a equipe que participou da expedição aos Estreitos de Torres³ (1898-1899), “um empreendimento pioneiro de Cambridge na área da pesquisa antropológica de campo”, nas palavras de Kuper (1978:52). Por estímulo dos dois, Radcliffe-Brown partiu, em 1906, para as Ilhas Andaman como bolsista *Anthony Wilkin Studentship* de Etnologia com fundos complementados pela *Royal Society* e pelo governo indiano, retornando dois anos mais tarde (Eggan & Warner 1956; Fortes 1956; Kuper 1978; Radcliffe-Brown 1922).

Em seu retorno à Inglaterra, a influência metodológica de Rivers e Haddon se fez presente no relatório sobre o estudo realizado nas Ilhas Andaman, de caráter predominante descritivo, sobretudo, nos relatos sobre a tecnologia andamanesa – um primeiro rascunho do que mais tarde se tornou *The Andaman Islanders* e que lhe rendeu um *fellowship* em Trinity, entre 1908 e 1914 (Fortes 1956; Kuper 1978). O trabalho de campo nas Ilhas Andaman seguiu a estrutura vigente na antropologia britânica à época, ainda fortemente marcada por uma estrutura diacrônica – e que Radcliffe-Brown contribuiria para mudar décadas depois, abrangendo aspectos da cultura material, antropolo-

gia física, testes psicológicos e tentativas, não muito bem sucedidas, de construções de genealogias (Stocking Jr. 1984b).

Durante esse período, ele lecionou etnologia na *London School of Economics* (LSE) sobre os aborígenes australianos e o *potlatch* dos indígenas americanos, ainda muito direcionado por um enquadramento evolucionista, embora já tivesse começado a rejeitar o princípio da unilinearidade (Stocking Jr. 1984a). Por volta dessa mesma época, é possível observar uma aproximação mais sistemática aos trabalhos de Émile Durkheim (1858-1917) e Marcel Mauss (1872-1950), com quem Radcliffe-Brown passou a manter contato. A partir desse momento, começou a haver uma mudança de orientação teórica-metodológica observada no ciclo de palestras oferecidas em Cambridge e também em seus trabalhos, incluindo a revisão da tese de *The Andaman Islanders*, publicada posteriormente em razão da guerra (Eggan & Warner 1956; Fortes 1956).

Em 1910, ele foi reeleito bolsista *Anthony Wilkin* e retornou à Austrália, onde permaneceu por dois anos a realizar trabalho de campo. Segundo Fortes (1956), esse estudo lançou as bases do seu conhecimento sobre a organização social australiana e dos sistemas de parentesco, tema que o acompanharia ao longo da carreira. De volta à Inglaterra, lecionou na Universidade de Birmingham, entre dezembro de 1913 e janeiro de 1914 (Fortes 1956).

Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, Radcliffe-Brown estava na Austrália por razão da reunião da *British Association for the Advancement of Science*, realizada no referido país e da qual era membro. Doente, não pôde voltar à Inglaterra, nem retomar o trabalho de campo (Fortes 1956). Ele passou a trabalhar como diretor numa escola secundária na Austrália e, depois, tornou-se Diretor de Educação no Reino de Tonga. Entretanto, por orientação de seu médico, dirigiu-se à África do Sul a fim de amenizar as moléstias derivadas da Gripe Espanhola que chegara ao país (Kuper 1978). Em 1919, Radcliffe-Brown partiu ao encontro do irmão mais velho, que se estabelecera em Johannesburg anos antes. Logo foi nomeado etnólogo do Museu

Transvaal, em Pretória. E, mais tarde, ocupou a recém criada cátedra de Antropologia na Universidade da Cidade do Cabo, cuja palestra inaugural foi noticiada nos principais jornais sul-africanos (Fortes 1956). Segundo Kuper (1978), a nomeação para a cátedra marcou uma nova fase em sua carreira, na qual o foco passou a ser o ensino, a escrita e o desenvolvimento da teoria antropológica, deixando o trabalho de campo para trás.

Nos cinco anos que estive na Cidade do Cabo, Radcliffe-Brown atraiu a atenção do público dentro e fora da Universidade. Ele publicou *The Andaman Islanders* em 1922 e estabeleceu a *School of African Life and Languages*, direcionando pesquisas sobre vários povos sul-africanos (McGee & Warms 2013). Além disso, participou de conferências, celebrações e reuniões públicas sobre questões políticas e sociais relacionadas à sociedade sul africana, muitas vezes transcritas pela imprensa, sempre destacando a necessidade de estudos sistemáticos a serem realizados por pessoas treinadas (Fortes 1956; Kuper 1978).

Elkin (1956) descreveu Radcliffe-Brown como um profissional disposto a seguir sua carreira sem criar raízes. Se, por um lado, Elkin afirmou que esse perfil era relevante para o avanço da Antropologia Social, uma vez que estimulava a criação dos departamentos ou o crescimento deles; por outro, era preciso paciência e persistência para consolidá-los, o que faltava a Brown. A ausência de fundos para garantir o desenvolvimento do departamento e dos projetos de pesquisa idealizados por ele contribuiu para uma nova realização na carreira do autor e, assim, ajudar a fundar mais um departamento de Antropologia Social.

O convite para assumir a cátedra de Antropologia da Universidade de Sydney pareceu-lhe uma nova ocasião favorável para o seu desenvolvimento profissional. Renunciou à cadeira na Cidade do Cabo e partiu para inaugurar mais um departamento. A nomeação recebeu apoio de Sir Grafton Elliot Smith (1871-1937), ex-aluno da Universidade de Sydney, que também era amigo de Rivers, um de seus primeiros professores (Elkin 1956).

Radcliffe-Brown desembarcou na Austrália, em 1926, para impulsionar mais um programa sob os auspícios do governo australiano e da Fundação Rockefeller. O objetivo da cátedra, discutida desde o Congresso Científico Pan-Pacífico de 1923, era organizar a pesquisa e ensino sobre os povos autóctones dos territórios da Austrália e sudoeste do Pacífico, treinar estudantes para a ida a campo e, ainda, oferecer cursos para funcionários coloniais e missionários que trabalhariam com os povos aborígenes (Eggan & Warner 1956; Fortes 1956). Este era um ponto controverso para Radcliffe-Brown e que contribuiria, anos depois, para a sua decisão de renunciar a mais uma cátedra.

Os primeiros anos em Sidney tornaram-se favoráveis ao projeto traçado por Radcliffe-Brown, visto que conseguiu a participação de alunos e oficiais administrativos nos cursos de antropologia. Além disso, ele tornou-se presidente do Comitê de Antropologia do *Australian National Research Council*, recebeu doações para fomentar o trabalho de campo e conseguiu enviar pesquisadores a campo (Elkin 1956).

Radcliffe-Brown também soube aproveitar as doações e auxílios financeiros para a publicação dos resultados das pesquisas e fundou o jornal acadêmico *Oceania*, voltado inicialmente para estudos sistemáticos dos povos considerados sob o risco de desaparecimento ou fadados às rápidas mudanças sociais. O primeiro editorial da revista demonstra que o seu propósito era a dedicação ao estudo funcional dos povos nativos da Austrália, Nova Guiné e ilhas do Pacífico, feito por cientistas especialmente treinados capazes não apenas de registrar os fatos observados em campo, mas também de explicar o seu significado e função (Journal Oceania 1930; Elkin 1956), projeto que já o acompanhava desde a Cidade do Cabo (Fortes 1956).

O primeiro volume da revista incluiu uma série de quatro artigos sobre *Organização Social das Tribos Australianas* feitos por Radcliffe-Brown, em que ele faz uma introdução e revisão dos estudos sobre organização social baseados em levantamento bibliográfico e materiais de campo de diversos pesquisadores que ainda não haviam sido publi-

cados (Elkin 1956). Este trabalho é considerado por Bettie (1964) o segundo trabalho mais importante de sua carreira.

Passados cinco anos, Radcliffe-Brown se sentiu novamente inseguro a respeito da continuidade do departamento em razão da escassez de financiamentos e de desentendimentos com o Conselho Nacional de Pesquisa sobre a administração e os objetivos do ensino e pesquisa em antropologia. Ele considerava que a tarefa do antropólogo era formular os princípios de integração social de um povo. Somente após uma rigorosa sistematização, podia-se então partir para um estudo sobre as mudanças em decorrência do contato com os colonizadores e as suas possíveis consequências. E, depois de obter conhecimento adquirido por meio de treinamento em pesquisa científica, estariam aptos para formular políticas administrativas e educacionais, que contribuíram para uma nova integração dos povos autóctones em parceria com os funcionários coloniais. Embora muitos concordassem com ele, houve tantos outros que ficaram descontentes com essa postura. Afinal, o apoio recebido para a criação do departamento tinha como propósito o ensino e pesquisa da Antropologia como uma disciplina acadêmica, mas também o comprometimento com a capacitação de oficiais, que deveriam lidar com problemas referentes à administração colonial e as transformações pelas quais aquelas sociedades estavam passando. Entretanto, ele era crítico a esse respeito. Para ele, toda ação sobre as populações autóctones deveriam estar baseadas em conhecimentos sistemáticos prévios. Constantemente, ele era acusado por seus colegas de ter dificuldade para abandonar as análises de orientação durkhemiana e investir nos estudos sobre mudanças sociais (Elkin 1956; Melatti 1995).

Radcliffe-Brown soube mais uma vez aproveitar uma oportunidade e partiu para Chicago como professor visitante de antropologia, em 1931, onde pôde se dedicar, segundo Eggan & Warner (1956), exclusivamente ao ensino e à escrita, abandonando as obrigações administrativas. Ambos os autores afirmaram que esse período lhe proporcionou a ampliação de sua própria concepção de Antropolo-

gia Social como o estudo comparativo da sociedade em palestras e seminários, nos quais ofereceu aos antropólogos americanos um novo caminho para as pesquisas. Até então, a antropologia americana estava influenciada por uma perspectiva histórica herdada de Franz Boas (1873-1942) e pelos estudos psicológicos e culturalistas (Kuper 1978).

A estadia de Radcliffe-Brown em Chicago não durou muito tempo. Nesse ínterim, ele atuou ainda como professor visitante em Yenching (China). Em outubro de 1937, retornou à Inglaterra para ocupar a recém criada cadeira de Antropologia Social em Oxford. Pela primeira vez sua tarefa não era estabelecer o curso de Antropologia, mas reforçar sua importância como disciplina (Fortes 1956). Ele concorreu com outras pessoas à posição e recebeu indicações por parte de Malinowski e Mauss (Mancuso 2021; Mills 2008; Stocking Jr. 1984b).

Desde o início, ele pleiteou uma reforma na estrutura e currículo do curso a fim de que os estudantes garantissem uma maior especialização em Antropologia Social, voltado à pesquisa em contraste com uma instrução estritamente intelectual. Radcliffe-Brown também se esforçou para transformar o departamento de Antropologia em Instituto com o objetivo de criar um centro de pesquisa e facilitar a angariação de fundos. Além das resistências internas, teve que lidar com o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que interrompeu as atividades de ensino e a pesquisa na universidade. Apesar das limitações, ele teve o êxito de enfrentar os defensores da “tradição de Oxford” e dotar a antropologia de uma maior profissionalização dos pesquisadores. Com isso, teve um papel central na transferência do universo antropológico social britânico, pós-guerra, da LSE para Oxford (Mills 2008).

Mesmo durante a guerra, Radcliffe-Brown não se afastou da Antropologia. Serviu como presidente do *Royal Anthropological Institute*, entre os anos de 1937 e 1939. Ainda durante o conflito, veio ao Brasil, no período de 1942 a 1944, como professor visitante da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (Fortes 1956; Kuper 1978; Mellati 1995). A vinda também era parte de uma missão do Con-

sulado Britânico em São Paulo, cuja finalidade era “manter ligação cultural entre a Grã-Bretanha e a América do Sul” (Melatti 1995:10).

Radcliffe-Brown aposentou-se em 1946 de Oxford. Não obstante, continuou com sua missão de consolidar o ensino da Antropologia Social, também denominada por ele como Sociologia Comparativa. Passou pela Universidade Farouk I (1947-1949), em Alexandria, onde foi convidado a estabelecer o departamento de Sociologia. No ano a seguir, elegeu-se *Simon Visiting Professorship* na Universidade de Manchester e retornou à África do Sul em 1951, primeiramente como pesquisador e, posteriormente, como professor visitante na Universidade de Rhodes, em Grahamstown (Kuper 1978; Fortes 1956). No final da carreira, ele continuou a contribuir para teoria antropológica com a edição de *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento* (Forde & Radcliffe-Brown 1950) e a organização de *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva* (Radcliffe-Brown 1952).

Sentindo a sua saúde tornar-se cada vez mais debilitada, retornou mais uma vez à Inglaterra, agora definitivamente. Uma queda, que resultou na fratura de algumas costelas, contribuiu para fragilizar ainda mais as moléstias pulmonares que marcaram a sua vida desde a infância (Eggan & Warner 1956). Malgrado as enfermidades, Radcliffe-Brown manteve até o fim de seus dias o interesse pelos avanços teóricos da Antropologia Social, reconhecido por meio de homenagens e honras (Eggan & Warner 1956; Fortes 1956). Nas memórias escritas por Fortes (1956), o autor relembra que em janeiro de 1955, pouco meses antes de sua morte, Radcliffe-Brown deixou o hospital londrino em que estava internado para presidir a reunião da *Association of Social Anthropologists*, sendo ovacionado por seus comentários e discussões.

Radcliffe-Brown faleceu em Londres, no dia 24 de outubro de 1955, aos 75 anos.

***The Andaman Islanders* e a metamorfose teórica do jovem Brown**

No prefácio da edição de *The Andaman Islanders*, Radcliffe-Brown afirma que a monografia é um trabalho de aprendiz e agradece aos

seus professores pelo aprendizado recebido em antropologia. As páginas iniciais do livro confirmam se tratar de um jovem antropólogo que experiencia as aventuras do trabalho de campo segundo a orientação de seus mestres, mas também de alguém que não está interessado em reproduzi-las, mas de propor, à época, novos caminhos para a área científica, principalmente, a Antropologia Social⁴.

A principal dificuldade na leitura de *The Andaman Islanders* é que Radcliffe-Brown apresenta uma divergência entre os objetivos iniciais com qual o trabalho de campo fora realizado (1906-1908), a organização dos dados na forma de tese (1908) e, por último, sua publicação final (1922), orientada pelo enfoque analítico durkheimiano. No decorrer da leitura, o leitor consegue acompanhar o amadurecimento intelectual do etnólogo que se dirigiu às Ilhas Andaman sob o olhar da ‘tradição etnológica difusionista’ e do teórico que já começava a dar seus primeiros passos na investigação dos problemas sociológicos sob um viés funcional-estrutural, que o consagraria na Antropologia Britânica.

De antemão não é possível compreender o trabalho de campo feito por Radcliffe-Brown, sem considerar o papel de cada um dos seus professores⁵ na sua formação, sobretudo de Haddon e Rivers, a quem ele dedica o livro⁶. De Haddon⁷, ele adquiriu o conhecimento no âmbito da antropologia física, tecnologia e arte primitiva (Mellati 1995). Haddon via o trabalho do antropólogo semelhante ao do cientista natural, cuja tarefa de campo estaria centrada no recolhimento de amostras. No caso dos antropólogos, o material a ser coletado eram as informações sobre tradições, costumes e artefatos, a respeito dos quais deveriam ser elaborados relatórios descritivos, que permitiriam posteriormente a comparação com outros grupos humanos e a sua taxonomia (Mancuso 2021). Haddon também valorizava o trabalho de campo e a formação de profissionais treinados em métodos antropológicos (Stocking Jr. 1995).

De Rivers⁸, de quem Radcliffe-Brown é considerado o primeiro e mais conhecido aluno nessa área de estudo, ele adquiriu compe-

tência em psicologia experimental (Mellati 1995). Rivers junto com seu colega Haddon, alertavam aos pesquisadores sobre a necessidade de estudar a interconexão de diferentes aspectos da cultura de um povo e a ênfase no estudo da estrutura e organização social, sobretudo das relações de parentesco como o cerne desta (Stocking Jr. 1984b, 1995).

Embora Radcliffe-Brown afirmasse ter um treinamento adequado para a realização de uma pesquisa antropológica por parte de seus mestres, ele próprio alertou os leitores que era na vivência e no trabalho de campo que o antropólogo adquiria seu real treinamento. E é justamente parte dessa vivência que marcará as mudanças de orientação intelectual pelas quais o autor passou, ao constatar que outras abordagens conseguiriam dar mais suporte às observações realizadas por ele do que o paradigma diacrônico, ao qual ele ainda estava vinculado quando escreveu a tese da bolsa para o *Trinity College*.

Quando viajou para as Ilhas Andaman, o autor tinha cerca de 25 anos. Na bagagem, ele levou os métodos que aprendera com Haddon e Rivers, cuja base era o trabalho de campo e a descrição das características materiais, sociais, fisiológicas e psicológicas dos povos a serem estudados, além do encorajamento para a aprendizagem dos idiomas locais e da vivência com a população (Fortes 1956; Warms 2018). A escolha das Ilhas Andaman não foi aleatória, mas estimulada por Haddon e Rivers (Mancuso 2021), contando ainda com o estímulo de Sir Richard Temple (1850-1931), que serviu como comissário-chefe nas Ilhas Andaman e Nicobar (Stocking Jr. 1995). Em conjunto, eles traçaram como objetivo da pesquisa a reconstrução de diferentes aspectos da história cultural andamanesa e dos ‘Negritos’⁹ em geral, que se presumia naquele momento a mais ‘primitiva’ do sudeste asiático (Kuper 1978; Mancuso 2021; Stocking Jr. 1984b, 1995).

O projeto inicial de Radcliffe-Brown era realizar um estudo sobre os habitantes das ilhas da Pequena Andaman, que havia sofrido menos com os impactos da colonização e pouco havia sido escrito sobre seus habitantes. Ele permaneceu três meses entre eles, mas dificulda-

des com a língua o fizeram desistir. O autor acreditava ser necessário até três anos para aprender a nova língua suficientemente bem para fazer perguntas e compreender as respostas de seus interlocutores. Então, ele decidiu redirecionar o estudo para as ilhas da Grande Andaman, particularmente, as do norte. A razão para a escolha dos grupos do norte era a escassez de relatos sobre a população local feitos por Edward Horace Man (1846-1929), citado na monografia como ‘Mr. Man’, um funcionário da administração colonial que desempenhou várias atribuições locais e escreveu sobre os ilhéus¹⁰. Com a redefinição do local da pesquisa, ele optou pelo uso do hindustânico, língua que muitos jovens adultos falavam de maneira compreensível. Com o passar dos meses, ele aprendeu um pouco dos dialetos dos grupos do norte e, no final da estadia, conseguiu um intérprete que dominava bem o inglês, o que ele afirmou que teria tornado o trabalho mais fácil e completo desde o começo¹¹.

Afora as dificuldades linguísticas, ele enfrentou outros desafios que limitavam seu objetivo inicial, como aquelas derivadas da colonização. A implementação da colônia penal *Ross Island* em 1858 e a própria colonização da ilha implicou em várias questões que comprometiam segundo ele a pesquisa, tais como: a queda demográfica ocasionada pela introdução de doenças, como a sífilis, sarampo e gripe; mudanças nos costumes, como o uso do cachorro na caça; o desinteresse dos jovens pelas crenças e negligência das lendas; a fusão de grupos distintos; a dependência dos ilhéus da assistência e empregos da administração colonial, o que aumentou a circulação dos moradores pelo arquipélago e modificou o modo de vida local.

As descrições da paisagem das ilhas feitas por Radcliffe-Brown guardam muitas semelhanças com as de Malinowski, com a exceção da inclusão do leitor na cena descrita e do tom romântico em algumas passagens¹². Na introdução do livro, o autor apresenta o cenário do arquipélago-ilha, incluindo as descrições geográficas das ilhas, os animais de variadas espécies da fauna, a flora tropical e as mudanças nas paisagens decorrentes das estações. O mesmo se repete para a des-

crição dos objetos. No entanto, quando se trata das populações locais faz-se notar o contraste entre ele e Malinowski a respeito da pesquisa de campo. Enquanto Malinowski está preocupado com as pessoas de 'carne e osso', Radcliffe-Brown se concentra no sistema andamanês a partir de suas reflexões sobre a vida social da comunidade¹³. Nesse sentido, durante o trabalho de campo, ele estava mais interessado em remontar os costumes e crenças do que aprofundar na vida e nas relações dos seus interlocutores.

Elkin (1956) afirma, em comparação com o trabalho de campo de Malinowski, que os capítulos descritivos de Radcliffe-Brown falham em dar aos leitores um quadro ou uma impressão de uma sociedade viva, embora destaque que a parte analítica prenda a atenção do leitor do início ao fim. Beattie (1964) vai além, refere-se à pesquisa de campo realizada por Radcliffe-Brown como antiquada, daquela baseada em questionários, feita por meio de intérpretes e cujas descrições são marcadas pela ausência de detalhes e vivacidade sobre os povos estudados. Em outra passagem, caracteriza o trabalho de campo dele pela falta de originalidade e profundidade, em contraste com seu contemporâneo Malinowski¹⁴. As críticas ainda apontam as desconsiderações de Radcliffe-Brown por seus predecessores, que passaram pelo campo antes dele, muitas vezes subestimados pelos seus 'amadorismos', o que, entretanto, não o impedia de utilizar os resultados e observações deles (Elkin 1956; Temple 1922).

No entanto, o próprio Radcliffe-Brown reconhecia a preeminência de Malinowski em relação ao trabalho de campo e enviou muitos de seus alunos para serem treinados por ele (Eggan & Warner 1956). Para mais, pode-se considerar, como o fez Melatti (1995), que a apatia passada pelo autor a respeito do trabalho de campo se deve ao seu estilo de escrita, que não permite ao leitor viver a realização da pesquisa junto com o autor. Segundo Melatti, as referências sobre a maneira como a pesquisa fora conduzida, os incidentes ocorridos e as ilustrações de como atuavam as regras ou costumes consistiam, por exemplo, em excepcionalidades nos textos de Radcliffe-Brown, uma

vez que “os dados são apresentados abstraídos dos acontecimentos particulares em que se baseiam” (1995:27).

Além disso, o trabalho de campo que resultou em *The Andaman Islanders* estava preso a uma concepção histórica difusionista, cujo foco deveria ser a reconstrução da cultura andamanesa antes da colonização, feito a partir das recordações de informantes (Kuper 1978), recorrendo ainda a relatos de outros autores para complementar as informações não obtidas entre os andamaneses, como os materiais extraídos dos trabalhos de Mr. Man, bem como de Maurice Vidal Portman (1860-1935)¹⁵ e do próprio coronel Sir Richard Temple (Radcliffe-Brown 1922).

E quando Radcliffe-Brown não estava satisfeito com os dados obtidos no trabalho de campo ou na literatura disponível, ele não deixou de mencionar as incompreensões e ausências de informações sobre muitas dimensões dos costumes, crenças e mitos dos ilhéus de Andaman. Algumas vezes justificadas pela falta de oportunidade para presenciá-los, outras por sua limitação da língua ou ainda porque não estava atento a um determinado aspecto enquanto estava em campo. No livro, ele não omite as falhas do trabalho de campo e as circunstâncias lamentáveis que o impediam de documentar os costumes e crenças da cultura andamanesa antes que as transformações promovidas pela colonização já não mais lhe permitissem.

Se Radcliffe-Brown nunca foi considerado um exímio pesquisador de campo¹⁶, por outro lado ele foi capaz de oferecer uma alternativa à antropologia britânica que revezava entre os paradigmas evolucionistas e difusionistas, reorientando a investigação antropológica para os problemas sincrônicos (Stocking Jr. 1984b) e a partir de uma mudança de sua posição teórica sob a influência de Durkheim (Tomas 1991). Embora Stocking Jr. (1984a, 1995) afirme que não seja possível determinar exatamente o ano que Radcliffe-Brown teve contato com a literatura durkheimiana, o autor afirma que até 1910 não há nos artigos publicados por ele sobre a religião dos andamaneses nenhum ponto de vista que o aproximasse ao intelectual francês. Stocking Jr.

afirma ainda que, provavelmente, o envolvimento sistemático com o trabalho de Durkheim aconteceu quando Radcliffe-Brown lecionou sobre etnologia australiana e o *potlatch* dos indígenas americanos na LSE, em 1910. Isso foi no mesmo ano que ele ministrou um ciclo de palestras em Cambridge intitulada *Sociologia Comparada*, cujas seis primeiras [lectures] refletem em várias passagens as páginas de *De la division du travail social*¹⁷, publicado em 1893, em que alguns tópicos sugerem um novo significado para o material de campo andamanês¹⁸ (Stocking Jr. 1984b, 1995).

Para Kuper (1978), o período de conversão de Radcliffe-Brown à teoria durkheimiana coincide com o movimento de recepção das ideias do sociólogo francês na Inglaterra, cujo ensaio premiliar, que pronunciava o argumento de *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, publicado em 1912, já causara um impacto significativo em terras inglesas. Ainda segundo Kuper, o novo paradigma oferecia: “método científico, a convicção de que a vida social era ordenada de forma sistemática e suscetível de análise rigorosa, um certo despreendimento das paixões individuais e, um *panache* francês muito em voga” (1978:54).

A troca de correspondências iniciada com Durkheim e Mauss, somada às leituras de Herbert Spencer (1820-1903) e Piotr Kropotkin (1842-1921), fez com que Radcliffe-Brown passasse a adotar uma nova formulação para analisar as sociedades, entendidas como “um sistema harmonioso de interação entre os indivíduos” (Stocking Jr. 1995:306), cujo foco estaria na análise sincrônica da cultura sem, contudo, abandonar completamente a história e a evolução. Como Durkheim, o autor tinha uma visão muito particular sobre o papel das regras sociais. A ideia de uma reação comunitária ao invés de uma mera fonte de autoridade de comando formava boa parte de sua compreensão sobre o mecanismo de sanção social atuante entre os membros de uma dada coletividade. Por exemplo, as sanções penais poderiam ser vistas como uma reação da própria comunidade contra a ação daqueles membros que ofendessem algum sentimento moral cristalizado pelas e nas ins-

tituições locais. Seria isso que definiria e produziria uma condição de ‘euforia social’ (Goody 1999/2000).

Consoante Stocking Jr., a visão evolucionária de Radcliffe-Brown era caracterizada por ser “fortemente durkheimiana” (1984b:145). Isso significava que o foco do autor estava na ‘origem, desenvolvimento e função’ de instituições sociais específicas tratadas em termos de estágios progressivos. Afastando-se do domínio alternativo dos paradigmas evolucionistas e difusionista, cuja característica em comum era a reconstrução especulativa de processos de mudança no tempo. Ele colaborou, dessa forma, para uma reorientação intelectual da antropologia britânica (Stocking Jr. 1984b).

Ainda a respeito do caráter histórico, Beattie (1964) explicitou que Radcliffe-Brown era a-histórico, ao invés de anti-histórico. Segundo ele, se as evidências históricas estavam disponíveis, elas poderiam ser usadas; o que não acontecia com as sociedades estudadas pelos antropólogos à época, cujas evidências, como os documentos, estavam indisponíveis, restando apenas as ‘conjecturas históricas’. Para Radcliffe-Brown, segundo Beattie (1964), os métodos históricos e funcionais eram ambos legítimos, mas ao mesmo tempo diferentes. Sobre essa questão, Kuper (1978:81) sinaliza que o principal argumento dele era a reformulação das perguntas a serem feitas. Ao invés de se questionarem, como faziam os europeus e americanos, presos a uma visão histórica: ‘como foi que isso aconteceu?’, Radcliffe-Brown, convencido pela abordagem durkheimiana, propunha questionar ‘o que é que isso expressa [significado] e quais são as suas concomitantes [funções]?’

É importante lembrar que o contexto britânico, no qual Radcliffe-Brown iniciou a sua produção acadêmica estava passando por um movimento de substituição das teorias evolucionistas pelas difusionistas. Mas ainda persistia o problema a respeito das referências aos eventos passados, para os quais havia pouca ou nenhuma evidência válida (Beattie 1964). O próprio Radcliffe-Brown se convenceu de que os métodos disponíveis para a reconstrução histórica dos andamenses levava a resultados insatisfatórios, que não poderiam ser “significativos

para a compreensão da vida e da cultura humana” (Melatti 1995:11). Ademais, os relatórios feitos pelos pesquisadores de campo já demonstravam a complexidade das sociedades estudadas, que demandavam serem entendidas a partir de suas lógicas locais. É nesse cenário que a sociologia francesa ganha peso, ao oferecer uma nova forma de olhar para esses dados e de oferecer métodos que demonstrassem que a sociedade era constituída por partes relacionadas, integradas a partir de princípios gerais que poderiam ser identificados (Beattie 1964).

A partir da aproximação dos trabalhos de Durkheim e Mauss, Radcliffe-Brown passa a se preocupar com os significados e as funções dos ritos, mitos e instituições (Eggan & Warner 1956), compreendendo que a sociedade “é essencialmente uma ordem moral, cuja manutenção dependeria dos sentimentos de solidariedade” (Kuper 1978:66). Estes, por sua vez, eram mantidos e fortalecidos pela dramatização das condutas nos rituais. Cabe ainda enfatizar que Durkheim foi uma das influências pela manutenção da ordem como tema de estudo, já que ambos estavam interessados em entender como as pessoas viviam de forma ordenada em uma sociedade distinta do modelo europeu, isto é, sem um estado centralizador. Por isso o interesse na variedade de sanções sociais, cujas ênfases estariam mais na reação coletiva do que numa autoridade de comando (Goody 1999/2000). Radcliffe-Brown, por exemplo, explica ao criticar a descrição de Mr. Man a respeito dos ilhéus de Andaman, que onde Man via a relação entre as palavras ‘chefe’ e ‘autoridade’, deveria ser entendido como líderes com capacidades de influência em suas aldeias (Radcliffe-Brown 1922:47). Além disso, Radcliffe-Brown via o estudo do parentesco também como um caminho para pensar a produção de ordem (Goody 1999/2000).

Vale mencionar, como argumenta Melatti (1995), que Radcliffe-Brown não foi um mero repetidor das teorias de Durkheim. Se ambos concordavam acerca da importância da função dos fenômenos sociais, Radcliffe-Brown “se recusava ao uso do conceito de causa, que substituiu pela procura de princípios”; acusava-o de “reificar o conceito de consciência coletiva” (Melatti 1995:25) e ainda, discordava

sobre a existência própria dos fatos sociais e sobre a própria origem da religião. Stocking Jr. (1995), afirma também que Radcliffe-Brown discordava de Durkheim a respeito do sistema Arunta, que o primeiro não via como um estágio primitivo, mas posterior. Além disso, ele não concordava com a definição durkheimiana de totemismo.

Para além de Durkheim ter sido uma influência importante na carreira de Radcliffe-Brown, Kuper (1978) afirma que ele nunca abandonou por completo a tradição evolucionista de Spencer. A esse respeito, Kuper explicita que as sociedades eram vistas a partir de uma analogia orgânica, na qual entendia-se que os organismos evoluíam “no sentido da crescente diversidade e complexidade” (1978:65)¹⁹. O vigor dessa analogia estava principalmente no uso de métodos paralelos aos das ciências naturais. Com isso, há um redirecionamento analítico do próprio material de campo, no qual passa a se buscar explicações de como cada costume e crença desempenhariam um papel na vida social daquela ‘comunidade primitiva’, do mesmo modo que cada órgão de um corpo vivo desempenharia um papel na vida geral do organismo. Stocking Jr. afirma que Radcliffe-Brown herdou de Spencer a “hipótese da evolução social” (1995:305), diretamente ou via Durkheim, mas também diversos pontos que sinalizam os aspectos ‘estruturais e funcionais’ da sociedade retirados do livro *Descriptive Sociology*, publicado em 1874, que influenciaria o seu estrutural-funcionalismo.

The Andaman Islanders reflete bem o começo da metamorfose teórico-metodológica do autor. A princípio, Radcliffe-Brown afirma que seu interesse seria a reconstrução da estrutura da sociedade andamanesa, ou seja, como era a organização social dos grupos antes da chegada dos colonizadores. O trabalho de campo pré-malinowskiano (Kuper 1978), realizado pelo jovem etnógrafo, abrangeu aspectos da pesquisa antropológica nos moldes dos estudos da expedição ao Estreito de Torres, incluindo testes psicológicos e coleção de figuras de cordas, um dos interesses de Haddon (Stocking Jr. 1995), além do registro de medidas corporais e da cultura material dos ilhéus e, ainda, um pouco de sua língua e história (Mancuso 2021). Houve uma

tentativa também de construir dados sobre parentesco, mas o próprio Radcliffe-Brown, consoante Stocking Jr. (1995), afirma ter falhado na tarefa de coletar genealogias. Radcliffe-Brown menciona também que a pesquisa de campo envolveu aspectos da antropologia física, cujos crânios e esqueletos levados de Andaman para a Inglaterra ficaram no Museu Antropológico de Cambridge aguardando alguém que pudesse orientá-lo nesse tipo de investigação. Como ele mesmo afirma no prefácio do livro, os resultados sobre essa área de investigação não foram publicados.

O objetivo do trabalho de campo realizado por Radcliffe-Brown, portanto, era descobrir entre os próprios habitantes da ilha como era a constituição da sociedade andamanesa, embora o próprio autor reconhecesse que muitos pontos poderiam permanecer sem informações satisfatórias. Segundo Stocking Jr. (1984b, 1995), a primeira versão da etnografia foi mais influenciada por Haddon do que Rivers, e não há nenhuma vinculação à Durkheim. Na leitura de Stocking Jr. parece mais “uma tentativa quase boasiana de reconstrução histórica com base em uma análise comparativa dos elementos da cultura” (1984b:144).

O Anexo A presente em *The Andaman Islanders*, por exemplo, refletiu a intenção de uma reconstrução hipotética da cultura andamanesa por comparação com os semangues e os habitantes das ilhas Filipinas, que Radcliffe-Brown especulava que derivassem da mesma raça, os Negritos. Ele mesmo afirmou que o método adotado pressupunha a comparação de diferentes produtos ou atividades tecnológicas encontrados no arquipélago Andaman, a fim de determinar qual era a cultura técnica dos ancestrais dos Andamaneses, quando eles alcançaram as ilhas e que mudanças ocorreram desde essa ocupação (Radcliffe-Brown 1922:407-494).

No decorrer do livro, é possível observar a influência durkheimiana na releitura do seu material de campo, no qual o eixo analítico passa para o significado e a função das instituições dentro do sistema andamanês. Com isso, ele combina descrição e interpretação para

mostrar como os costumes e as crenças andamanesas influenciavam as ações, pensamentos e sentimentos de obrigação moral dos indivíduos de modo que a sociedade permanesse unida e garantisse a reprodução da sua organização social.

Nos quatro primeiros capítulos de *The Andaman Islanders*, Radcliffe-Brown descreve os costumes e crenças dos andamaneses, narrando diversas cerimônias concomitantes com a temática da organização social (Capítulo I). Segundo o próprio autor, em sociedades como a dos andamaneses, é possível distinguir três maneiras distintas de como a sociedade age sobre as ações dos indivíduos: pelos costumes morais, em que as condutas são reguladas por princípios de certo ou errado; pelos costumes técnicos, em que as atividades são executadas a partir do acúmulo de conhecimento com o propósito de alcançar um objetivo determinado e; pelos costumes cerimoniais, por meio dos quais a sociedade agiria sobre o indivíduo a fim de manter o sentimento de união e solidariedade (Capítulo II). Ele privilegia a descrição dos costumes cerimoniais, que, por sua vez estariam vinculados a um complexo sistema de crenças mágico-religiosas (Capítulo III) e, também, de mitos e lendas (Capítulo IV). É por meio destes ritos e mitos que, segundo o autor, a comunidade manteria viva a organização social e garantia a sua transmissão a outras gerações.

Os capítulos finais (V e VI) são considerados pelo próprio autor a parte ‘mais valiosa do livro’, nos quais ele tratou de demonstrar os significados e as funções das crenças e costumes descritos na primeira parte do livro. Não basta, porém, interpretá-los isoladamente, ele concentra-se em demonstrar como estes se relacionavam com outros aspectos da cultura andamesa e entre si, de modo a contribuir permanentemente para manter a sua organização e reprodução social. Segundo Stocking Jr., já havia a influência de *Les règles de la méthode sociologique*, publicado em 1895, e uma “abordagem essencialmente sincrônica dos fatos sociais” (1995:318)²⁰. O autor acreditava, portanto, que ambos os capítulos serviam como um exemplo de método a ser seguidos pela incipiente Antropologia Social.

O método tratava não mais de problemas históricos, entendidos como a busca da origem dos fenômenos a serem estudados, mas de fornecer subsídios ao pesquisador para explicar como os costumes e crenças que a primeira vista poderiam ser considerados sem sentido, ridículos ou infantis teriam uma função a cumprir. Como diz o próprio Radcliffe-Brown, a busca pela “origem desses costumes, como aqui se usa a palavra origem, é buscar conhecer os detalhes do processo histórico pelo qual eles surgiram”. Sendo assim, “na ausência de todos os registros históricos, o máximo que poderíamos fazer seria tentar fazer uma reconstrução hipotética do passado, que, no estado atual da ciência etnológica, seria de utilidade muito duvidosa” (1922:229). Mesmo assim, ele traçou algumas hipóteses de trabalho²¹.

Radcliffe-Brown afirmava que a ‘boa regra do método’ seria deixar claro para o leitor a hipótese na qual a interpretação iria se basear. Em *The Andaman Islanders*, ele toma como hipótese de que a ‘função social’²² dos costumes cerimoniais e dos mitos dos ilhéus de Andaman era manter e transmitir de uma geração a outra as disposições emocionais das quais a sociedade, tal como é constituída, dependeria para a sua existência. Nos capítulos V e VI, ele procura demonstrar que há uma correspondência entre os sentimentos de solidariedade e a maneira pela qual a sociedade estaria constituída.

Desse modo, *The Andaman Islanders* é um livro que pretende não somente ser a combinação de observação, análise e interpretação feitos concomitantemente por um pesquisador capacitado para essa atividade ao ir a campo – bandeira sempre defendida por ele, mas também uma tentativa de elaboração de um método analítico de interpretação das instituições dos andameneses, que poderia ser reproduzido para o estudo de outros povos por “métodos semelhantes e de acordo com os mesmos princípios psicológicos”²³ (Radcliffe-Brown 1922:400).

Conclusões

A constituição da autoridade etnográfica, conforme identificada por Clifford (1998), segue quatros processos: experimental, interpre-

tativo, dialógico ou polifônico; mas acreditamos que a autoridade etnográfica também pode ser estabelecida a partir de uma reorientação teórico-metodológica. Este nos parece ser o caso da monografia de Radcliffe-Brown. O estilo ‘clássico’ de *The Andaman Islanders* em oposição a forma ‘romântica’ expresso em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* não sintetiza nem simplifica a relevância dessas obras.

Radcliffe-Brown e Malinowski possuem lugares proeminentes na Antropologia Britânica (Firth 1951; Kuper 1978; Stocking Jr. 1995). Não há dúvidas que a descrição em tom literário consagrada pelo segundo contribuiu para tornar o trabalho de campo uma marca própria da Antropologia (Stocking Jr. 1992). Por outro lado, a preocupação com o tratamento dos dados etnográficos dado pelo primeiro, sob uma nova interpretação teórica, foi igualmente importante para a criação da identidade da Antropologia Social por décadas. Por isso, não é possível escrever sobre Radcliffe-Brown sem mencionar o trabalho de Malinowski e o inverso. É na conjunção dos dois que a Antropologia Social britânica viveu seu esplendor intelectual (Barth 2005).

Embora *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* permaneça como leitura obrigatória dos cursos sobre teoria antropológica na graduação e pós-graduação, o mesmo não pode ser dito sobre *The Andaman Islanders*. Dentre muitas das suas contribuições que marcam a importância do autor para a antropologia mundial, destacamos três pontos que consideramos terem sido fundamentais para a consolidação da antropologia social britânica: 1) o papel atribuído a exegese nativa como um passo analítico importante na caracterização dos significados e funções dos costumes e crenças; 2) a ideia de conceber o conjunto de costumes e crenças por meio da forma análoga a um sistema; e, sobretudo, 3) a importância da comparação para as pesquisas antropológicas.

Em primeiro lugar, cabe destacar que Radcliffe-Brown era um sucessor dos membros da expedição aos Estreitos de Torres. Isso sugere que as informações levantadas no campo sempre necessitariam ser complementadas pelo pesquisador como forma de atestar as hipóteses suscitadas por ele. Contudo, mitos e lendas não seriam alçados como

fontes voltadas para a reconstrução das origens de um povo; mas sim, desta vez, como instrumentos científicos que permitiriam estudar boa parte da totalidade social em seus próprios termos²⁴.

Em segundo lugar, a noção de sistema social desenvolvida por ele se tornaria emblemática como chave analítica ao longo de toda sua carreira (Radcliffe-Brown 1922, 1931, 1950, 1952, 1957, 1958). A construção dessa noção em *The Andaman Islanders* atesta a guinada do autor para a análise sincrônica quando, por exemplo, procurou abordar a importância dos mitos. Nesses casos, as narrativas expressariam tanto o valor social da cultura andamanesa quanto afetariam a vida social e demais sentimentos compartilhados entre suas distintas comunidades. E, uma vez completado esse percurso, os sentimentos mobilizados coletivamente seriam novamente a marca e expressão destes mesmos mitos²⁵.

Por fim, o recurso da comparação como uma tarefa necessária ao tratamento dos dados etnográficos foi estabelecido como forma de enquadramento dos princípios vigentes da estrutura da sociedade estudada. A ênfase dada aos sistemas sociais ao invés das instituições buscou rejeitar a reconstrução histórica hipotética e a explicação psicológica imediata em favor, segundo Stocking Jr., de “uma explicação psicológica final das leis sociológicas gerais” que deveriam ser “demonstradas por investigações puramente sociológicas” (1995:351). Em suma, o apreço por uma ‘classificação sistemática’ da vida social desejava ser ‘funcional, generalizante e sociológica’²⁶.

Diferente daqueles que adotavam uma postura evolucionista ou difusionista da sua geração – com ênfase na perspectiva material e tecnológica dos grupos observados, o imperativo dos princípios operantes era almejado por Radcliffe-Brown visando caracterizar os elementos norteadores da vida social. Por mais que os aspectos da cultura material andamanesa tivessem uma tendência ao essencialismo (efeito de homogeneidade), ao costume de superenfatizar a coesão (efeito de coerência) e a projeção da ação social baseada na sincronia (efeito de atemporalidade), a busca pelos princípios que articulavam a vida

social é uma marca não somente presente em *The Andaman Islanders*, mas de toda a sua carreira (Forde & Radcliffe-Brown 1950; Radcliffe-Brown 1931, 1952, 1957, 1958).

Nesse sentido, generalizar, nos termos do autor, significa propor uma interpretação objetivando o reconhecimento dos princípios que orientariam as ações concretas das pessoas em um grupo. Mas afinal de contas, qual seria a base das indagações que permitiram uma interpretação válida na perspectiva do autor? A ênfase de Radcliffe-Brown sobre as crenças andamanesas permitiriam a indicação de duas dimensões relevantes a fim de reconstituir os valores e elucidar os sentidos mobilizados tanto pelos costumes quanto pelas cerimônias observadas. O primeiro buscaria refazer o caminho entre o fazer cotidiano e a elaboração das ideias comuns entre os membros do grupo, partindo dos costumes até chegar à ‘mente nativa’; o segundo, visaria repensar as conexões entre a prática ritual e a eclosão dos sentimentos coletivos, indo das cerimônias em direção à ‘emoção nativa’ (Radcliffe-Brown 1922,1977).

Mas tudo isso, de certo modo, já não estaria contemplado pela Escola Sociológica Francesa (Durkheim 2008; Mauss 2005) desde o primeiro quarto do século XX? Certamente que sim. Contudo, a aplicação do programa durkheimiano nos parâmetros de Radcliffe-Brown englobou o desenvolvimento de cinco hipóteses básicas sob a égide da seguinte forma-conteúdo: (a) toda sociedade dependeria das representações existentes por parte de seus membros para que um sistema de sentimentos específicos pudesse atuar, no qual a conduta dos indivíduos seria regulada em conformidade com as necessidades coletivas; (b) cada aspecto, evento ou objeto que, de alguma forma, afetaria a coesão das sociedades se tornaria um objeto deste mesmo sistema de sentimentos vigentes; (c) em qualquer sociedade humana, os sentimentos em questão nunca seriam inatos, mas sim desenvolvidos nos indivíduos pela ação coletiva sobre eles; (d) os costumes e as cerimônias de uma dada sociedade seriam um meio pelo qual os sentimentos em questão seriam expressos coletivamente em ocasiões apropriadas;

e, finalmente (e) a expressão ritual de quaisquer sentimentos serviriam tanto para mantê-los no grau de intensidade requerido na mente dos indivíduos quanto para transmiti-los de uma geração para outra (Radcliffe-Brown 1922, 1977).

Esse modo de conceber preliminarmente as relações sociais sob a forma de um arranjo ou conjunto ganharia contornos maiores a partir do célebre conceito de estrutura social (Radcliffe-Brown 1952). Mesmo que seja desnecessário salientar aqui a influência do conceito de estrutura no trabalho de Lévi-Strauss (1987, 2012) ou as críticas apontadas por Leach (1995), é imprescindível reconhecer o valor desse desenvolvimento teórico-metodológico, mesmo que embrionariamente, em *The Andaman Islanders*. Nele, o autor esforça-se para refutar as inconsistências especulativas presentes nas teses evolucionistas e difusionistas sobre a cultura material andamanesa a partir de seus dados empíricos reunidos, já com a proposição de elevar a perspectiva dos ritos, crenças e emoções coletivas como verdadeiros paradigmas interpretativos. Decerto, a elaboração de princípios operantes na vida social exprime o cerne desta monografia diante do período da ‘magia do etnógrafo’ (Stocking Jr. 1992) estabelecido no ano de 1922.

Monografias como *The Andaman Islanders* reforçam, de tempos em tempos, o caráter das tradições e linhagens entre os antropólogos (Cardoso de Oliveira 1985; Peirano 1991). Há de se reconhecer que em certos momentos elas nos suscitam questões que, supostamente, acreditamos estarem relegadas ao quadro histórico da disciplina. Contudo, basta um olhar atento para verificarmos que certas problemáticas continuam a nos desafiar, mesmo que o aporte teórico-metodológico desenvolvido já tenha sido questionado ou, até mesmo, completamente refutado no campo acadêmico.

O usual enquadramento da figura de Malinowski como um modelo virtuoso de trabalho de campo versus a suposta conduta tipificadora praticada por Radcliffe-Brown não abriria margem para repensar as nuances e movimentos propostos por este último. Não somente a observação da vida social fez parte de sua formação, mas, sobretudo,

o refinamento da interpretação, que sempre mantivera no seu horizonte como um meio de contribuir para o avanço da ciência antropológica. No final das contas, os apreços por uma epistemologia da complexidade e o papel do lugar da imaginação que a leitura desta obra nos suscita reforçam a importância de *The Andaman Islanders* em seu centenário, destacando sua tarefa no rol daquelas contribuições que marcam o desenvolvimento de uma disciplina específica.

Notas:

¹ Citaremos a obra a partir daqui como *The Andaman Islanders*.

² Compartilhamos o entendimento do significado de ‘clássico’ de Alexander (1999:24), em que o autor afirma: “Um clássico é o resultado do primitivo esforço da exploração humana que goza de *status* privilegiado em face da exploração contemporânea no mesmo campo”.

³ Segundo Warms (2018), a expedição do Estreito de Torres tornou-se decisiva para o desenvolvimento da antropologia e da psicologia na Grã-Bretanha. Esse empreendimento tornou o trabalho de campo e a descrição uma marca da antropologia britânica. A maior parte de seus integrantes conseguiu ocupar cátedras importantes na Inglaterra e nos Estados Unidos: Haddon e Rivers em Cambridge; Charles Seligman na London School of Economics (LSE); Charles Myers como assistente de Rivers em Cambridge e depois como professor em Londres; William McDougall em Oxford, depois nas Universidades de Harvard e Duke.

⁴ “Chapters V and VI of the present work contain an attempt at an interpretation of the Andamanese customs and beliefs, which I regard as the most important and hope will be the most valuable part of the book” (Radcliffe-Brown 1922:ix).

⁵ Consoante Stocking Jr. (1995), a instrução acadêmica de Radcliffe-Brown em antropologia começou durante seu último ano de graduação, quando ele se preparava para o trabalho de campo nas Ilhas Andaman. Ele estudou antropologia física com Wynfrid Lawrence Henry Duckworth (1870-1956), arqueologia com William Ridgeway (1853-1926), etnologia com Haddon e parentesco com Rivers, com quem já havia estudado psicologia.

⁶ “To whose instruction and kind encouragement is due whatever value it may possess, this work of apprenticeship is dedicated” (Radcliffe-Brown 1922:v).

⁷ Segundo Stocking Jr. (1995:100), Haddon estudou zoologia e biologia marinha. Em 1888, ele partiu para uma expedição ao Estreito de Torres com o objetivo de estudar a “fauna, a estrutura e o modo de formação dos recifes de coral”.

⁸ De acordo com Stocking Jr. (1995:123), Rivers concluiu seu bacharelado em Medicina em 1886, voltando-se para o estudo de problemas neurológicos e psiquiátricos. Ele foi o primeiro professor de psicologia experimental e fisiológica em Cam-

bridge (1897). Ele foi convidado por Haddon para aplicar a ‘nova’ psicologia a uma população considerada primitiva na Expedição ao Estreito de Torres.

⁹ O termo remete a classificação racial vigente utilizada pelo autor: “The Andamanese belong to that branch of the human species known to anthropologists as the Negro race” (Radcliffe-Brown 1922:2).

¹⁰ Publicou *On the Andaman Islands and Their Inhabitants* (1885).

¹¹ “I kept one boy from the Little Andaman with me for some months in the hope that he would learn sufficient Hindustani to act as an interpreter and so enable any future investigator to begin work with the great advantage that I had lacked” (Radcliffe-Brown 1922:viii).

¹² “Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical, próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista [...]”. (Malinowski 1978:19).

¹³ “Every custom and belief of a primitive society plays some determinate part in the social life of the community, just as every organ of a living body plays some part in the general life of the organism. The mass of institutions, customs and beliefs forms a single whole or system that determines the life of the society, and the life of a society is not less real, or less subject to natural laws, than the life of an organism” (Radcliffe-Brown 1922:229-230).

¹⁴ Para compreender o contraste os cenários acadêmicos e institucionais da LSE e de Oxford (e também Cambridge) e o das instituições às carreiras de Malinowski e Radcliffe-Brown, ver Mills (2008).

¹⁵ Publicou *Manual of the Andamanese Languages* (1887), *Notes of the Languages of the South Andaman Group of Languages* (1898) e *A History Of Our Relations With The Andamanese* (1899).

¹⁶ Em 1929, numa carta direcionada a Malinowski, Evans-Pritchard desenvolveu uma correlação entre sua experiência de campo e orientação teórica a partir da seguinte fórmula: “sem trabalho de campo/pontos de vista de Durkheim; trabalho de campo limitado/pontos de vista de Radcliffe-Brown; e trabalho de campo exaustivo/pontos de vista de Malinowski” (Mancuso 2021:71; Stocking Jr. 1984b:167, 1995:435).

¹⁷ O livro, de acordo com Stocking Jr. (1984a), era conhecido na Inglaterra, mas não é possível precisar a sua influência sobre os britânicos. Até então, Stocking Jr. afirma que o interesse dos britânicos por Durkheim se concentrava mais nos materiais etnográficos australianos, principalmente, sobre o totemismo.

¹⁸ Stocking Jr. (1984a, 1995) indica como essa reorientação da análise do material de campo impactou o estudo do totemismo, o que serviu de base para as análises posteriores de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) sobre o assunto (Lévi-Strauss 1987, 1989).

¹⁹ Kuper (1978) destaca a distinção feita pelos pesquisadores entre evolução e progresso. Enquanto o primeiro é entendido como um processo natural; o segundo, implicaria em uma avaliação de um processo moral.

²⁰ Radcliffe-Brown afirma no prefácio do livro que os capítulos V e VI foram escritos em 1910 como tentativa de desenvolver um novo método de interpretação

das instituições de um povo. Por outro lado, Stocking Jr. (1995) afirma, a partir da análise do conteúdo das trocas de correspondências entre Rivers e Radcliffe-Brown, que este ainda não havia feito uma mudança crucial do ponto de vista evolucionário diacrônico para o sincrônico, que só ocorreria em 1913.

²¹ “(i) A society depends for its existence on the presence in the minds of its members of a certain system of sentiments by which the conduct of the individual is regulated in conformity with the needs of the society. (2) Every feature of the social system itself and every event or object that in any way affects the well-being or the cohesion of the society becomes an object of this system of sentiments. (3) In human society the sentiments in question are not innate but are developed in the individual by the action of the society upon him. (4) The ceremonial customs of a society are a means by which the sentiments in question are given collective expression on appropriate / occasions. (5) The ceremonial (i.e., collective) expression of any sentiment serves both to maintain it at the requisite degree of intensity in the mind of the individual and to transmit it from one generation to another. Without such expression the sentiments involved could not exist” (Radcliffe-Brown 1922:233-234).

²² Por função social, o autor entende os efeitos de uma instituição (costume ou crença) na medida em que dizem respeito à sociedade e à sua solidariedade ou coesão (Radcliffe-Brown 1922).

²³ Stocking Jr. afirma que a mudança do paradigma dos evolucionistas para a proposta de Radcliffe-Brown em relação à psicologia é que os primeiros empreendiam “a reconstrução humana baseados em suposições de leis fundamentais da psicologia humana concebidas em termos essencialmente individualistas, utilitários e intelectualistas”, já Radcliffe-Brown a concebia a partir das transformações das motivações humanas em “função”, concebido em termos de “inconsciente coletivo” (1995:322).

²⁴ No capítulo V consta a seguinte informação: “(i) In explaining any given custom it is necessary to take into account the explanation given by the natives. Although these explanations are not of the same kind as the scientific explanations that are the objects of our search yet they are of great importance as data” (Radcliffe-Brown 1922:234). Já no capítulo VI, o autor afirma que: “To understand the meaning of the legends we must connect these different stories together, for we know that they are connected in the minds of the Andaman Islanders themselves” (Radcliffe-Brown 1922:345).

²⁵ “I have dealt with most of the more important details of the Biliku-Tarai myth, and have tried to show that the whole myth is an expression of the social value of the phenomena of the weather and the seasons. These phenomena affect the social life in certain definite ways and thereby become the objects of certain sentiments; these sentiments are expressed in the legends” (Radcliffe-Brown 1922:375).

²⁶ “The true comparative method consists of the comparison, not of one isolated custom of one society with a similar custom of another, but of the whole system of institutions, customs and beliefs of one society with that of another. In a word, what we need to compare is not institutions but social systems or types” (Radcliffe-Brown 1922:230).

Referências:

- ALEXANDER, Jeffrey. 1999. "A importância dos clássicos". In GIDDENS, A. & TURNER, J. (eds.): *Teoria social hoje*, pp.: 23-90. São Paulo: UNESP.
- BARTH, Fredrik. 2005. "Britain and the Commonwealth". In BARTH, F. et al. (eds.): *One Discipline, Four Ways: British, German, French, and American Anthropology*, pp.: 1-57. Chicago: The University of Chicago Press.
- BEATTIE, John. 1964. "Founders of Social Science: A. R. Radcliffe-Brown". *New Society*, 116(17):24-26.
- CLIFFORD, James. 1998 [1983]. "Sobre a autoridade etnográfica". In *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, pp.: 17-62. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- DURKHEIM, Émile. 2008 [1912]. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus.
- ELKIN, Adolphus. 1956. "A. R. Radcliffe-Brown, 1880-1955". *Oceania*, 26(4):239-251.
- EGGAN, Fred & WARNER, W. Lloyd. 1956. "Alfred Reginald Radcliffe-Brown 1881-1955". *American Anthropologist*, 58(3):544-547.
- FIRTH, Raymond. 1957. *Man and Culture: An Evaluation of the Work of Malinowski*. London: Routledge & Kegan Paul.
- FIRTH, Raymond. 1951. "Contemporary British Social Anthropology". *American Anthropologist*, 53(4):474-489.
- FORDE, D. & RADCLIFFE-BROWN, A. 1950. *African Systems of Kinship and Marriage*. London: Oxford University Press.
- FORTES, Meyer. 1956. "Alfred Reginald Radcliffe-Brown, F. B. A., 1881-1955: A Memoir". *Man*, 56(172):149-153.
- FORTES, M. & EVANS-PRITCHARD, E. 1940. *Africa African Political Systems*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- GEERTZ, Clifford. 2009 [1988]. "Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita". In *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*, pp.: 11-39. Rio de Janeiro: EdUFRJ.
- GOODY, Jack. 1999/2000. "Anarchy Brown". *The Cambridge Journal of Anthropology*, 21(3):1-8.
- JOURNAL OCEANIA. 1930. "Editorial". *Oceania*, 1(1):1-4.
- KUPER, Adam. 1978 [1973]. "Radcliffe-Brown". In *Antropólogos e Antropologia*, pp.: 51-86. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LEACH, Edmund. 1995 [1954]. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 2012 [1952]. "A noção de estrutura em etnologia". In *Antropologia Estrutural I*, pp.: 397-457. São Paulo: Cosac Naify.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989 [1962]. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1987 [1962]. *O Totemismo Hoje*. Lisboa: Edições 70.

- MCGEE, R. & WARMS, R. 2013. "Radcliffe-Brown, A. R.". In *Theory in social and cultural anthropology: an encyclopedia (vol.1)*, pp.: 678-681. London: SAGE Publication.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1978 [1922]. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.
- MANCUSO, Alessandro. 2021. "Before and After Science: Radcliffe-Brown, British Social Anthropology, and the Relationship Between Field Research". In MATERA, V. & BISCALDI, A. (eds.): *Ethnography. A Theoretically Oriented Practice*, pp.: 51-80. Cham: Palgrave Macmillan.
- MAUSS, Marcel. 2005 [1921]. "A expressão obrigatória dos sentimentos (Rituais Oraís Funerários Australianos)". In *Ensaio de Sociologia*, pp.: 325- 335. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MELATTI, Júlio. 1995 [1978]. "Introdução". In *Radcliffe-Brown*. São Paulo: Ática. pp. 7-40.
- MILLS, David. 2008. "A tale of two departments? Oxford and the LSE". In *Difficult Folk? A Political History of Social Anthropology*, pp.: 29-48. New York: Berghahn.
- OLIVEIRA, Roberto. 1985. "Tempo e tradição: Interpretando a antropologia". *Anuário Antropológico*, 9(1):191-203.
- PEIRANO, Mariza. 1991. "Os antropólogos e suas linhagens". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 6(16):1-8.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. 1977. "The interpretation of Andaman Island ceremonies". In A. KUPER (ed.): *The social anthropology of Radcliffe-Brown*, pp.: 73-102. London: Routledge & Kegan Paul.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. 1958. *Method in Social Anthropology*. Chicago: Chicago University Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. 1957 [1948]. *A Natural Science of Society*. Glencoe: The Free Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. 1952. *Structure and Function in Primitive*. Glencoe: The Free Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 1950. "Introduction". In FORDE, D. & RADCLIFFE-BROWN, A. R. (eds.): *African Systems of Kinship and Marriage*, pp.: 1-85. London: Oxford University Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. 1931. *The social organization of Australian tribes*. Melbourne: Macmillan.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. 1922. *The Andaman Islanders: a study in social anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHAPER, Isaac. 1989. "A. R. Brown to Radcliffe-Brown". *Anthropology Today*, 5(5):10-11.
- STOCKING JR., G. 1995. "From Cultural Psychology to Social Structure: Radcliffe-Brown and the Delimitation of Social Anthropology". In *After Tylor: British Social Anthropology 1888-1951*, pp.: 298-366. Madison: University of Wisconsin Press.

- STOCKING JR., George. 1992. *The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*. Madison: University of Wisconsin Press.
- STOCKING JR., George. 1984a. "Dr. Durkheim and Mr. Brown". In *Functionalism Historicized. Essays on British Social Anthropology*, pp.: 106-130. Madison: University of Wisconsin Press.
- STOCKING JR., George. 1984b. "Radcliffe-Brown and British Social Anthropology". In *Functionalism Historicized. Essays on British Social Anthropology*, pp.: 131-191. Madison: University of Wisconsin Press.
- TEMPLE, Richard. 1922. "A Revolutionary Theory of Social Anthropology". *Man*, 22(71):121-127.
- TOMAS, David. 1991. "Tools of the Trade: The Productions of Ethnographic Observations in the Andaman Islands". In STOCKING JR., G.W. (ed.): *Colonial Situations. Essays on the Contextualization of Ethnographic Knowledge*, pp.: 75-108. Madison: University of Wisconsin.
- WARMS, Richard L. 2018. "Radcliffe-Brown, A. R. (1881-1955)". In CALLAN, H. (ed.): *The International Encyclopedia of Anthropology*, pp.: 1-5. New Jersey: John Wiley & Sons.

One Hundred Years after The Andaman Islanders: when the Bay of Bengal rivaled with Melanesia

Abstract: This article revisits Radcliffe-Brown's work, *The Andaman Islanders*, considering its centenary. The objective is to present the theoretical-methodological innovations of this monograph for Social Anthropology but also to demonstrate the author's intellectual maturity. The text indicates the academic trajectory of the author, highlighting his university insertion, theoretical influences, fieldwork in the Bay of Bengal, and professional experiences in various academic centers. In the end, the monographic reaffirms its value as a classic work.

Keywords: Radcliffe-Brown, The Andaman Islanders, Centenary, Bay of Bengal.

Recebido em agosto de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.